

A PROPÓSITO DO CENTENÁRIO DE SIMÕES DIAS

O centenário da morte do dr. José Simões Dias, ocorrido a três de Março último, vai ser comemorado no próximo dia dezasseis de Outubro; as cerimónias principais irão ter lugar na Benfeita, sua terra natal.

Tratando-se de uma das figuras mais ilustres que o concelho de Arganil teve, a Editorial Moura Pinto, no correcto cumprimento da sua vocação, decidiu promover a celebração pública deste centenário, tendo já prometida para o efeito a colaboração activa e empenhada de várias entidades, tais como: a Junta de Freguesia da Benfeita, a Câmara Municipal de Arganil, a Câmara Municipal de Coimbra (em cujo cemitério da Conchada repousam os restos mortais do egrégio homem público, restos mortais que serão trasladados para a Benfeita naquela ocasião), e a Câmara Municipal de Viseu (cidade em que Simões Dias residiu, à qual ficou estreitamente ligado, Viseu que o homenageou em vida, dando o seu nome a uma rua da cidade).

Simões Dias, quer pela singularidade da postura cívica que sempre assumiu na vida, quer pelo homem de cultura intelectual que de facto foi, ganhou, naturalmente, direito ao estatuto de figura revelante da sociedade portuguesa da segunda metade do século passado e, por conseguinte, ao de uma das personalidades mais proeminentes da região arganilense. Os preciosos estudos biográficos que lhe dedicaram o escritor Sanches de Frias – seu grande amigo de quase toda a vida – e o jornalista e professor elvense padre Henrique José Andrade – seu amigo também – autorizam a afirmá-lo sem a menor hesitação.

Por outro lado, como arganilista assumido que sou, é-me particularmente grato reconhecer que vão exactamente no mesmo sentido os estudos de três intelectuais arganilenses sobre diferentes aspectos da vida e obra de Simões Dias (publicados no n.º 4 da revista *Arganilia*): Maria Olívia Nogueira, com *O Poeta das «Peninsulares»*; Carlos da Capela (porventura a pessoa a quem se deve o maior acervo de investigação válida realizada sobre o homenageado), com *Simões Dias na política de Arganil*; e Maria Assumpta Pimenta Dias Coimbra, com *Um olhar sobre o ensino. A propósito de um discurso parlamentar pronunciado por Simões Dias aos deputados da Nação em 1880*.

Entretanto, talvez se possa dizer que, em relação à figura histórica de Simões Dias, se verifica uma certa tendência para lembrar mais o poeta que o cidadão – o que não deixa de ser profundamente injusto, já que deixa de lado uma faceta especialmente rica do seu carácter. Com efeito, numa sociedade em que, por exemplo, a vivência prática da política adquire frequentemente contornos de escândalo público, Simões Dias impõe-se como admirável exemplo de dedicação ao bem comum (sim, porque é esse o superior sentido da acção política!), servindo-a com empenhamento, com inteligência, e, note-se bem, por autêntico idealismo, logo com abnegação. Mas não julgue o leitor que estou a pensar só na conhecida actividade que Simões Dias desenvolveu como parlamentar, no âmbito da reforma do ensino secundário; não: estou a pensar também na longa e relevante função que exerceu como jornalista político, sector em que a sua postura timbrou sempre por grande ponderação e seriedade. Isto numa época em que o jornalismo político facilmente descambava para a falta de objectividade e de vergonha (de que o próprio Simões Dias foi vítima, e de que maneira!), para a calúnia pessoal, para a campanha mal intencionada, para o ataque de feição acanhada, para a chicana,...

Passando enfim ao homem de cultura de cariz intelectual, também aqui creio haver algum generalizado pendor para recordar mais o poeta que o educador que Simões Dias (primeiro de tudo) foi através da função de professor liceal, que exerceu desde a formatura na Universidade de Coimbra, em 1868 (aliás brilhantemente conseguida, até ao ponto de ser convidado a fazer o seu doutoramento na pers-

Galvão, Amândio – A propósito do centenário de Simões Dias
In: Novas crónicas. [S.l.]: Editorial Moura Pinto, 2005

pectiva duma carreira universitária, convite que de resto declinou), até ao fim da vida, ocorrido em 1899: primeiro em Elvas, como professor-proprietário da cadeira (aliás de conteúdo algo bizarro, diga-se de passagem) de Línguas, Economia Rural e Administração Pública; depois no liceu de Viseu, para onde foi transferido, passando a reger Oratória, Poética e Literatura; e por último no liceu de Lisboa, onde se manteria até falecer. Portanto, mais um caso de memória curta, com a conseqüente injustiça para o currículo dum pedagogo de primeira água. Já atrás aludi ao esforço do político parlamentar a bater-se com denodo pela reforma do ensino liceal; é preciso, porém, não esquecer a acção desenvolvida pelo professor no domínio do didáctico. Estou a pensar nos vários livros-de-estudo que Simões Dias publicou para facultar ao estudante o texto de que precisava com vista a aprofundar em casa o estudo da matéria que ouvira na aula. Penso ainda na qualidade desses mesmos textos – que ainda hoje se admira – a avaliar pela saída que tiveram; a sua *Teoria da Composição Literária*, por exemplo, chegou às dez edições, ainda em vida do autor.

Finalmente, vejamos o que há de essencial a destacar na obra literária de Simões Dias, com três notas muito breves: sobre o escritor de prosa de ideias, sobre o escritor de prosa de ficção e sobre o poeta.

No tocante ao ensaio, logo à prosa doutrinal ou de ideias, Simões Dias deu à estampa os trabalhos mais importantes que elaborou em ligação com as actividades de professor e de político parlamentar, trabalhos a que já aludi, tanto aos de carácter propriamente ensaístico como aos didácticos (que só para facilitar a exposição incluímos neste grupo). Julgo poder afirmar que aqueles primam pela originalidade das ideias e os segundos pela clareza da exposição.

Mas é preciso dizer que, neste capítulo, a actividade do estudioso-publicista não se cingiu às coisas portuguesas. Com efeito, – a sua admiração pela cultura literária espanhola levou-o a emprender alguns estudos sobre a mesma – como em *Espanha Moderna* – e ainda a traduzir do castelhano para o português (informamos, já agora) algumas obras espanholas significativas, do âmbito da filosofia, por exemplo.

Vem a propósito lembrar que este facto lhe valeu o reconhecimento do governo espanhol (que o distinguiu com a Comenda de Isabel, a Católica) bem como o da imprensa do país vizinho – que produziu referências francamente elogiosas à sua obra poética – a qual obra, entretanto, havia sido traduzida para castelhano. Este facto viria a lançar sobre si, da parte de um crítico feito à pressa e mal disposto, a acusação de anti-patriota! Episódio este sumamente lamentável, que Simões Dias recordaria mais tarde, em termos magoados, lembrando de que só tivera em mira testemunhar a sua admiração pelas belas letras de Espanha, «*cujos escritores (...) nos honraram com as suas relações*».

Propriamente como escritor de prosa de ficção, Simões Dias tentou o romance – com *As Mães* – e publicou dois livros de contos: *Figuras de Gesso* (com três edições) e *Figuras de Cera*, no qual há muito de autobiográfico, no habilitado parecer de Sanches de Frias, que, mais tarde, o investigador Mário Matias (igualmente natural da Benfiteira) teria oportunidade de confirmar. Em todos estes trabalhos, o escritor arganilense denotou possuir boa imaginação servida por um estilo literário perfeito, elegante.

Por fim, o poeta (cujo principal da obra se encontra reunido em *Peninsulares*). Simões Dias foi, inegavelmente, um poeta considerado e admirado no seu tempo. Os testemunhos sobre a qualidade da sua poesia que nos deixou a crítica lusa (e castelhana), suas contemporâneas, autorizam semelhante conclusão. Todavia, presentemente – há que reconhecê-lo sem subterfúgios – Simões Dias é um vate praticamente desconhecido. Acrescente-se, porém, já de seguida, que não há nisso nada de extraordinário, uma vez que à maior parte dos poetas que um dia chegaram a conhecer a notoriedade – aconteceu exactamente o mesmo, isto é, raros são aqueles cuja glória transitou para a posteridade. Sendo Portugal um «país de poetas», como se diz, quantos são aqueles cuja glória persistiu depois da própria morte?

Em Simões Dias, porém, uma coisa é certa: chegou de facto a ser famoso no seu tempo. Ele próprio, não obstante a modéstia que o caracterizava, o reconhece algures (ver «Autobiografia de Simões Dias», em *Arganilia*, n.º 4) ao admitir que iria pôr a lira de parte: «*durante os dez anos que transviei pelas veredas de Parnaso, sempre*

a benevolência me andou generosa, tapetando o caminho de flores. Não só das altas regiões literárias da Península desceram a mim palavras de conforto, também das últimas camadas sociais vieram consolações ao meu encontro. Enquanto a Espanha traduzia os meus versos, enaltecendo-os com mais vivo colorido, o povo das nossas Beiras os assimilava vulgarizando-os em suas toadas, nos serões, nas romarias e nas sextas, levando-os de porta em porta na voz dos cegos e dos mendigos. Portanto, as portas do Eden, se tal se pode chamar aos domínios da poesia, não me ficam vedadas pela espada flamejante do arcanjo bíblico. Suspendo a lira voluntariamente (...). No século presente, todo positivo e materialista, o verso que é a linguagem da imaginação tem de ceder o lugar à prosa que é a linguagem da razão (...)».

Por minha parte, uma vez aqui chegado, limitar-me-ei a referir um facto que me parece relevante para se poder formar opinião segura sobre a qualidade da poesia de Simões Dias: a última edição de *Peninsulares*, ainda por ele preparada (mas que viria a ser publicada já depois da sua morte) foi a quinta.

Ora isto, tratando-se dum livro de poesia (de poesia, repito), no Portugal do fim do século passado (do século passado, sublinho) parece-me deveras significativo, para não dizer eloquente!

Estou em crer que a série de dados biográficos que acabo de apresentar ao leitor autorizam, só por si, a admitir que este ilustre arganilense, da Benfeita, foi figura-de-proa entre os intelectuais portugueses do seu tempo. Todavia, como que a título de reforçar a mesma ideia, acrescentarei ainda que as relações pessoais que Simões Dias cultivou nesse universo são de molde a corroborá-la, implicitamente. Só alguns nomes: em Lisboa, foi «habitué» dos famosos serões literários em casa do poeta António Feliciano de Castilho; foi íntimo do filólogo e dicionarista Cândido de Figueiredo, do historiador e escritor Oliveira Martins, do escritor Sanches de Frias, do jornalista Carlos Lobo de Ávila, do escritor e político Teófilo Braga, do político e escritor Anselmo Braancamp Freire. Em Viseu foi colaborador e amigo pessoal do célebre Bispo D. António Alves Martins (que proferiu a famosa sentença: «*a religião deve ser como o sal na comida: nem de mais nem de menos*») e correspondeu-se com

o poeta Eugénio de Castro, de Coimbra. Nesta última cidade, ainda estudantes, acamaradou com Emídio Navarro, que viria a ser figura destacada da política. Etc.

Ora bem: perante uma figura de intelectual e artista do gabarito de Simões Dias, não deixa de ser interessante procurar saber como se terão comportado os arganilenses da sede do seu concelho de origem, quando chegou a hora de homenagear a sua memória.

Mas antes de entrar propriamente nesta questão, ainda gostava de dizer alguma coisa sobre aquilo que, presumivelmente, mais fundo terá marcado Simões Dias na vida.

Penso que há uma conclusão, inequívoca, a tirar daquilo que se disse: Simões Dias foi de facto uma figura que se impôs de forma significativa à sociedade intelectual portuguesa no século dezanove, nos diferentes domínios a que dedicou a sua actividade. Importa, porém, saber o que sentia e pensava ele próprio acerca da actuação que desenvolveu.

No que toca à poesia, e como já se viu, Simões Dias não teve dúvida em reconhecer que esta lhe proporcionou alguns consolo espiritual, dada a aceitação francamente positiva que os seus versos encontraram junto do público. Todavia, em relação às outras actividades que cultivou, depreende-se que já o mesmo não podia concluir – ao considerar a sua existência «*desamparada de protecções e raro alumiada pelos furtivos clarões da alegria e da fortuna*». Penso que neste último juízo já devem ter pesado ingratidões que, a partir de certa altura, começou a sentir no campo da política, injustiças de que foi alvo no âmbito da acção jornalística, incompreensões que o esperavam no domínio do ensaísmo literário.

Mesmo assim, estou em dizer que a vida pública de Simões Dias, não obstante haver-lhe causado sérios desgostos, se a encarmos no seu conjunto, teve saldo positivo, e por conseguinte terá constituído para ele fonte de alguma felicidade. Isto, repito, em relação à vida pública; e quanto à vida privada? perguntar-se-á: é o que iremos ver a seguir. Era o ano de 1876. Simões Dias havia realizado o seu segundo matrimónio quatro anos antes, em Viseu. Dirigindo-se à mulher, no dia do aniversário do casamento, adivinha-se a felicidade que lhe ia na alma, ao falar-lhe deste jeito, no momento em que

Galvão, Amândio – A propósito do centenário de Simões Dias
In: Novas crónicas. [S.l.]: Editorial Moura Pinto, 2005

lhe dedicava o último livro de versos que publicara: «(...) *Concluo desviando o meu espírito da realidade externa para o abismar todas as profundezas desse poético e incomparável amor de família representado em ti, ó fiel companheira e santa mãe de minha filha*».

Mas ah! como são insondáveis os desígnios do destino...: afinal, havia de ser exactamente no seio da família que Simões Dias iria receber o maior desgosto que a vida lhe reservara. Com efeito, poucos anos volvidos sobre tão expressiva e carinhosa confissão de amor, o destino, numa inesperada reviravolta, desfere-lhe um golpe que o deixa espiritualmente derrotado para o resto da vida, ao destruir-lhe o lar – subitamente assolado pelos ventos da desgraça!

E aqui tem o leitor como acaba a última página da vida de Simões Dias: uma homem que chegara a conhecer os favores da fama, talvez mesmo a saborear o gosto da glória, – vai arrastar os últimos anos da sua existência mergulhado na mais desoladora consternação! E ainda foi a nobre e comovedora solidariedade do seu velho e fiel amigo Sanches de Frias que o livrou de cair na solidão total, e, piedosamente, lhe fechou os olhos – quando a morte veio para o levar...

E passemos então à resposta em aberto.

Logo após o falecimento, o escritor Sanches de Frias dirige-se à Câmara de Arganil, propondo-lhe que fosse dado o nome de Simões Dias à rua principal da sede do concelho, proposta que foi aceite e aprovada; isto no ano de 1899, sendo presidente da dita Câmara, que havia sido ganha pelo Partido Regenerador, o dr. Albino de Figueiredo, o qual por conseguinte fora adversário político de Simões Dias, que militara no Partido Progressista.

Pois muito bem: mercê dum processo fértil em lances de baixa-política (processo que Carlos da Capela recorda no estudo que referi anteriormente e que por isso me dispense de tratar aqui), só dezassete anos depois, em 1906, foi mandada colocar uma lápide com a indicação de «Praça Simões Dias» na antiga Praça do Comércio, de Arganil, (e não na rua principal, como fora decidido); era então administrador do concelho o dr. José Caldeira de Oliveira, do Alqueve.

O que terão pensado, no seu íntimo, as pessoas da vila a respeito desta homenagem? Tê-la-ão achado justa? Ter-lhes-á agradado?

Atendendo a que a antiga Praça do Comércio (se bem que mais pequena do que é hoje a Praça Simões Dias), por ficar no coração de Arganil, talvez correspondesse ao ponto socialmente mais nobre da terra, creio poder concluir que, de modo geral (incluindo portanto os que haviam sido partidários políticos de Simões Dias), a medida foi bem recebida pela população, embora, talvez, não fosse vivida com grandes emoções, não provocasse grandes entusiasmos. Penso, aliás, que tal reacção terá ficado a dever-se a razões que não tinham nada a ver com o mérito pessoal de Simões Dias, mérito que de resto ninguém se terá atrevido a contestar. Efectivamente, julgo tratar-se, antes de mais nada, de vestígios dum tipo de comportamento da população, antigamente muito em voga: refiro-me à tendência que tinham os moradores da sede do concelho para olhar de cima para baixo, quase com sobranceira, os habitantes das freguesias limítrofes – quando estes apareciam na vila, de ar humilde e chapéu na mão, a fim de prestar contas ao poder local. Ora Simões Dias, pensando bem, não era da vila mas sim da Benfeita... Lamentável fenómeno este que, já se vê, não era exclusivo de Arganil. Mas a questão, claro, é demasiado complexa para lhe bastar uma única explicação.

Assim, talvez pesasse também naquele estado de espírito da população um motivo doutra ordem, como, por exemplo, a circunstância – ouvia-se dizer – de Simões Dias, «nunca ter feito nada para Arganil». Argumento que, além de não corresponder à verdade (consulte-se, mais uma vez, o aludido estudo de Carlos da Capela), estando em jogo uma personalidade da envergadura de Simões Dias, correspondia a uma autêntica patacoada: pois não bastaria o facto de Simões Dias ter proporcionado ao concelho o orgulho e a honra de ter tido um filho de tamanha projecção no País – para justificar uma homenagem de reconhecimento e admiração à sua memória?!

Por outro lado, talvez a falta de entusiasmo que pensamos ter havido, fosse devida também a uma «pontinha» de ódio político; Simões Dias, com efeito, não escondia – bem pelo contrário! – os traços fundamentais do seu perfil ideológico, de cariz progressista: amor à liberdade, amor à democracia, amor à justiça social, valores estes que não deviam soar nada bem em meio, do ponto de vista

Galvão, Amândio – A propósito do centenário de Simões Dias
In: Novas crónicas. [S.l.]: Editorial Moura Pinto, 2005

político, tão refinadamente conservador, como era o de Arganil nesse tempo.

E, é claro, não posso esquecer uma última razão, aliás de natureza bem mais objectiva que as restantes: a circunstância de Simões Dias haver feito a vida fora da sua região, o que terá contribuído para fazer dele, em relação a muita gente do burgo arganilense – praticamente um desconhecido.

Ora, é por tudo isto que eu me atrevo a propor aos meus leitores e conterrâneos, da vila, que eventualmente me estejam seguindo o discurso com algum interesse, que encaremos as comemorações do próximo dia 16 de Outubro como excelente oportunidade para resgarmos a falta que os nossos antepassados de 1906 terão cometido em relação à figura histórica de Simões Dias; mas como? perguntarão. Muito simplesmente: informando-nos sobre quem foi verdadeiramente o dr. José Simões Dias, como figura moral e como intelectual de diferentes talentos, bem como sobre a qualidade da obra que legou ao património cultural português; acarinhando a sua memória; dando o apoio que pudermos à organização das comemorações; comparecendo, se possível, na Benfeita, a fim de participarmos nas cerimónias programadas.

A Benfeita, estou certo, vai receber-nos ostentando as melhores galas que tem para nos saudar, ou seja, com a simpatia humana do seu povo e o quadro duma paisagem física, que nos prende fatalmente: pelo relevo alcantilado – Pai das Donas, lá em cima – a dizer-nos que demos entrada no reino mágico da Montanha; pelo seu ar florido, revelador de bom-gosto, fartura e bem-estar; pelas águas, ainda puras e abundantes, que cantam, vivas, nas ribeiras e nas levadas; pelos recantos aprazíveis, que convidam ao descanso e à meditação;...

Bem: por minha parte, prometo não faltar.

A Comarca de Arganil

Agosto 1995